



ANÁLISE DA GRANDE ESTRATÉGIA DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA E DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA E SEUS IMPACTOS PARA AMÉRICA DO SUL

Tiago Ferreira Figueiredo
Mardonio Bezerra Silva

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar a Grande Estratégia da República Popular da China (RPC) e dos Estados Unidos da América (EUA) e seus impactos na América do Sul sob o enfoque da Teoria Realista das Relações Internacionais. Para tal, identifica a RPC e os EUA como potências econômicas que disputam fornecedores de matéria-prima e mercados consumidores para os seus produtos. Verifica os objetivos comuns presentes nas Grandes Estratégias dessas potências dentro do Sistema Internacional que geram competição conflitiva ou de rivalidades e trazem impactos na América do Sul. Observa ainda as mudanças e continuidades da política externa dessas potências após 2008, com ênfase nas relações com os países da América do Sul. Para melhor embasar o trabalho, são abordados ideias e conceitos sobre grande estratégia, relações internacionais, geopolítica e fatos históricos relevantes das relações internacionais dos países em estudo. Após identificados as causas que geram disputas, o trabalho analisa os objetivos que impactam a América do Sul bem como o tipo de impacto. A metodologia de pesquisa consiste na análise de conteúdo de fontes primárias, oriundas de documentos oficiais dos governos da RPC e dos EUA, a partir de um recorte específico de temas relativos à grande estratégia, além de bibliografia especializada. O resultado desta pesquisa é a caracterização da Grande Estratégia chinesa e estadunidense no período delimitado, com observações às mudanças táticas na política externa em relação aos países da América do Sul, oriunda da disputa pela hegemonia econômica mundial e os impactos decorrentes, inclusive socioambientais.

Palavras chaves: Grande Estratégia, Estados Unidos da América, República Popular da China, América do Sul, Realismo.

Doutorando Tibério Ferreira Figueiredo - Instituto Meira Mattos/ECEME. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: tiberio.esao@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5130564717882465>. Doutorando Mardonio Bezerra Silva - Instituto Meira Mattos/ECEME. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: mandacaru22@hotmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6330241765425435>.

ABSTRACT

This article aims to analyze the Grand Strategy of the Republic of China (PRC) and the United States of America (USA) and its impacts on South America from the perspective of the Realist Theory of International Relations. To this end, it identifies the PRC and the US as economic powers that compete for raw material suppliers and consumer markets for their products. It verifies the common objectives present in the Grand Strategies of these two countries within the International System that generate conflictive competition or rivalries and bring impacts in South America. It also observes the changes and continuities of the foreign policy of these countries after 2008, with an emphasis on relations with the twelve countries of South America. To better support the work, ideas and concepts about grand strategy, international relations, geopolitics and relevant historical facts of the international relations of the countries under study are discussed. After identifying the causes that generate disputes, the work analyzes the objectives that impact South America as well as the type of impact. The research methodology consists of analyzing the content of primary sources, originating from official documents of the PRC and US governments, based on a specific cut of themes related to grand strategy, in addition to specialized bibliography. The result of this research is the characterization of the Chinese and American Grand Strategy in the defined period, with observations of tactical changes in foreign policy in relation to South American countries, arising from the dispute for world economic hegemony and the resulting impacts, including socio-environmental ones.

Key Words: Grand Strategy, United States of America, Republic of China, South America, Realism.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por objetivo analisar a Grande Estratégia da República Popular da China e dos Estados Unidos da América e seus impactos para a América do Sul, desde 2008 até 2020.

A análise dessa grande estratégia deu-se por meio dos dados obtidos, da República Popular da China (RPC) e dos Estados Unidos da América (EUA), com o valor das importações e das exportações, bem como da política externa e ligações aplicadas aos países da América do Sul, usando esses dados para verificar os pontos de convergência, congruência e mudanças de cenário ao longo desses quase 12 anos.

Para entender a grande estratégia imposto por essas duas grandes potências aos países da América do Sul, foi utilizada a Teoria Neorrealista das Relações Internacionais, de Kenneth Waltz, na qual ele estabelece que a natureza da estrutura internacional é definida pelo seu princípio de primeira ordem, ou seja, pela anarquia, e pela distribuição de recursos, medidos pelo número de grandes potências no sistema internacional. Ele coloca ainda que cada Estado soberano é formalmente igual no Sistema Internacional e age de acordo com a lógica da autoajuda, ou seja, os Estados buscam os seus próprios interesses em detrimento dos interesses dos outros Estados. Nesse sentido, foram utilizados os dados referentes às duas maiores potências econômicas da atualidade, buscando realizar a análise da mudança de atores e de governança existente nas relações internacionais.

A pesquisa adotou uma estratégia de investigação associada a metodologias mistas, conjugando a coleta de dados com o emprego de métodos e técnicas qualitativas e quantitativa. Dessa forma, foi possível conjugar as capacidades das técnicas qualitativas e das quantitativas, como uma

terceira via de pesquisa em convergência com o modelo denominado estratégia de triangulação concomitante, permitindo a resolução do problema em pauta, que se propõe a analisar a participação atual dos Estados Unidos da América e da República Popular da China nos países da América do Sul, entre os anos de 2008 a 2020.

O marco temporal delimitado para o início deste trabalho foi a crise financeira de 2008, conhecida como a crise do subprime. Ela teve origem nos EUA, por meio do estouro da bolha de hipotecas no mercado financeiro e acabou alastrando-se para o restante do mundo, sendo considerada a pior crise financeira pós crise de 1929. O objeto de estudo, pela sua amplitude, foi delimitado apenas ao campo econômico e dentro deste, restringiu-se às importações e exportações entre os países estudados.

O artigo é dividido em quatro seções, além da presente introdução. A primeira seção diz respeito aos marcos conceituais necessários ao desenvolvimento do trabalho. A segunda e terceira seções tratam respectivamente da República Popular da China e dos Estados Unidos da América. Por fim, a última seção é referente à análise dos resultados e às considerações finais.

2. MARCOS CONCEITUAIS

Grande Estratégia é o nível mais alto de planejamento no âmbito dos Estados Nacionais modernos, orquestrando – no curto prazo, na guerra e na paz – os fins, os caminhos e os meios no contexto de um possível conflito armado pela própria sobrevivência do Estado (PORTER, 2013). Ainda segundo PORTER, Grande Estratégia é o gerenciamento de uma cadeia de relacionamentos entre meios e fins em vários níveis, sempre visando a consecução dos objetivos nacionais de cada Estado. Nesse sentido, a Grande Estratégia guarda grande relação com o Poder Nacional,

Poder Nacional - É a capacidade que tem a Nação para alcançar e manter os Objetivos Nacionais, em conformidade com a Vontade Nacional. Manifesta-se em cinco expressões: a política, a econômica, a psicossocial, a militar e a científico-tecnológica. (BRASIL, 2015, p. 200).

Os estudos realizados neste trabalho, delimitam-se na Expressão Econômica do Poder Nacional, entendida como a “manifestação de natureza preponderantemente econômica, do conjunto dos homens e dos meios que a Nação dispõe, para alcançar e manter os objetivos nacionais” (BRASIL, 2015, p. 114), tratando especificamente do aspecto “circulação econômica”, e dentro desta, das importações e exportações, por serem considerados relevantes nas relações entre as grandes estratégias das potências em estudo na América do Sul. Além disso, o aspecto “inserção internacional” citando tendências das políticas externas das potências também serão abordados.

Sob uma ótica realista, o Estado irá buscar sua própria sobrevivência, combatendo qualquer ator que ameace a consecução desse objetivo primeiro nacional. Nesse contexto, as ameaças no campo econômico, na análise de Buzan, Waeber e Wilde (1998), são de difícil determinação, devido à complexidade da natureza das relações econômicas. Consoante com Fernandes, Buzan, Waeber e Wilde reconhecem que a dimensão econômica pode ser considerada um indicador chave para análises da segurança internacional, ou seja, com segurança político-econômica é mais fácil estabelecer um processo de segurança nas outras dimensões. Dessa forma, esse campo do poder cresce de importância na confecção da Grande Estratégia de qualquer país:

As forças da globalização e o seu impacto sobre o Estado westfaliano, a inexistência de uma arquitetura econômico-financeira internacional,

a possibilidade do despoletar e da propagação de crises econômico-financeiras de proporções incalculáveis, a passagem da competição econômica de meio a fim com a possibilidade de a competição resvalar para fora do terreno econômico, o crescente fosso entre o mundo desenvolvido e o resto do mundo, e a exclusão deste último dos benefícios do progresso tecnológico e social, tudo isto implica o desenvolvimento de uma rede de segurança econômica, no interesse de todo o mundo desenvolvido e não desenvolvido. (FERNADES, 2002, pg 168)

Feito essa delimitação, torna-se necessário ainda tratar da América do Sul como conceito geográfico trabalhado. Ainda que o conceito de América do Sul tenha algumas divergências, será utilizado o conceito delimitado após a Cúpula de Brasília de 2000, pois entende-se que essa reunião delimitou espacialmente a América do Sul:

Com as Cúpulas de Brasília (2000) e Guayaquil (2002), a definição de "América do Sul" na retórica diplomática brasileira adquiriu, finalmente, contornos definidos englobando as doze nações (e só estas), que foram convidadas para participar dos dois encontros, ainda que tenha havido observadores de outros países. (SANTOS, 2005).

Com isso, os países que serão considerados para este estudo são: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai e Venezuela. Guiana Francesa e Ilhas Falklands não foram abordadas no estudo por serem consideradas territórios ultramarinos da França e da Inglaterra, respectivamente.

O trabalho ainda parte da premissa onde as recentes mudanças na balança do poder mundial, sinalizam uma nova disputa entre ocidente e oriente. De um lado os Estados Unidos da América (EUA), potência hegemônica militar e potência econômica mundial desde o fim da 2ª Guerra Mundial e a República Popular da China (RPC), país emergente que vem se destacando por sua pujança econômica que

a levou ao segundo lugar na economia mundial e a disputas econômicas, políticas e geopolíticas com os EUA. Essa disputa levou as potências a reformularem suas grandes estratégias e buscarem a hegemonia nos diversos campos do poder com reflexos diretos e indiretos em todos os continentes. Para a América do Sul, região considerada estratégica por sua proximidade com os EUA, sua disponibilidade e variedade de recursos naturais além de mercado consumidor dos produtos das potências supracitadas, a disputa pela influência na região é observada principalmente no campo econômico.

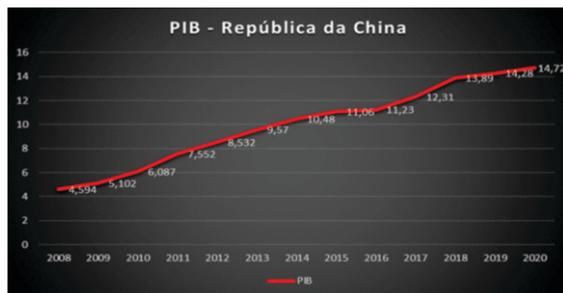
3. REPÚBLICA POPULAR DA CHINA

Periodicamente os líderes chineses têm reiterado a política externa do país para a região com o propósito de fortalecer a cooperação estratégica, o intercâmbio cultural, a confiança mútua, entre outros (PIRES; SANTILLÁN, 2014). Essa revisão chinesa de sua política externa é materializada para a América do Sul na confecção do Livro Branco das Políticas da China na América Latina (2008) e do Livro de Política da China para a América Latina e o Caribe (2016)

A transição desses documentos de nível estratégico para o nível tático e operacional podem observados nos "megaprojetos apresentados pelo governo de Xi Jinping, como a construção de uma ferrovia ligando o Brasil ao Peru e o Canal da Nicarágua (CONTEPELLI; PICCIAU, 2015)" ou de forma mais sutil nas relações comerciais da RPC com os países da região na forma de importações e exportações.

É elementar dizer que para execução dessa estratégia é necessário que a RPC esteja entre as maiores economias mundiais e apresente um crescimento constante do seu Produto Interno Bruto (PIB). As duas condições são atendidas como podem ser observadas no Gráfico 1:

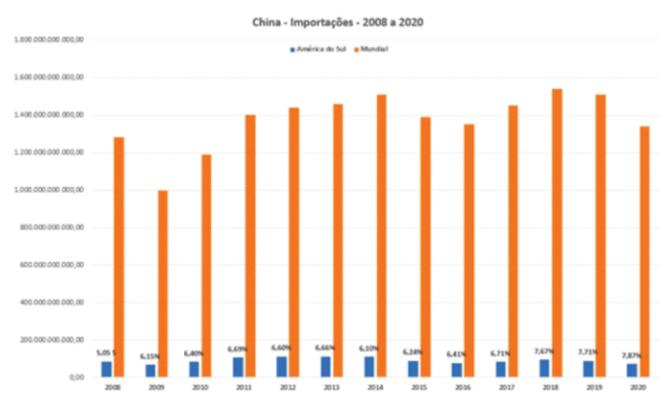
Gráfico 1: Importações da República Popular da China de 2008 a 2020



Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados do Banco Mundial, disponível em: <http://datatopics.worldbank.org/world-development-indicators/>

Para atender sua grande estratégia é manter constante seu crescimento, a RPC necessita importar grande quantidade de recursos naturais para alimentar a sua pujante indústria. Nesse contexto, a América do Sul tem mostrado parceria constante com leve tendência de alta nas importações chinesas, sendo responsáveis atualmente por 7,87% dessas importações, que são, em sua maioria, commodities como recursos naturais, principalmente petróleo e ferro e gêneros alimentícios, como soja e carne. O gráfico 2 traduz as importações chinesas e a participação da América do Sul:

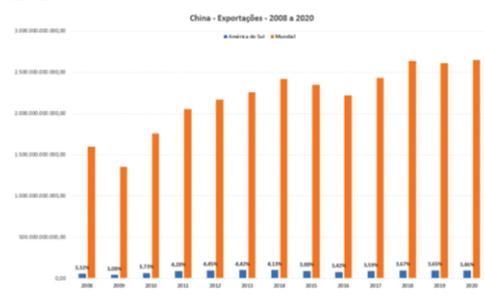
Gráfico 2: Importações da República Popular da China de 2008 a 2020



Fonte: elaborado pelos autores com base em dados do Observatory of Economic Complexity (OEC), disponível em <https://oec.world/en/home-a>

De igual maneira, a consecução do objetivo de crescimento econômico só é atingida com uma balança comercial favorável, sendo as exportações uma das ferramentas utilizadas para seu atingimento. A indústria chinesa só consegue manter o seu pujante crescimento tendo o escoamento apropriado de sua produção. Para isso, deve encontrar o mercado consumidor ávido para compra dos diversos produtos. Atualmente a RPC é um dos maiores exportadores mundiais, e de igual maneira, a América do Sul apresenta constância em seus números com uma leve tendência de alta no período analisado. O gráfico 3 representa as exportações chinesas para a América do Sul no período de 2008 a 2020:

Gráfico 3: Exportações da República Popular da China de 2008 a 2020



Fonte: elaborado pelos autores com base em dados do Observatory of Economic Complexity (OEC), disponível em <https://oec.world/en/home-a>

4. ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

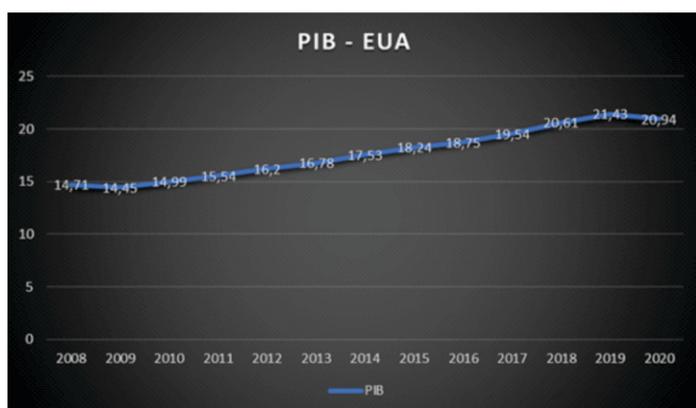
Durante os anos de 2008 a 2020, os EUA tiveram 02 presidentes da república. O primeiro foi Barack Obama, que governou por 02 (dois) mandatos (20 de janeiro de 2009 a 20 de janeiro de 2013 e o de 20 de janeiro de 2013 a 20 de janeiro de 2017). Logo em seguida assumiu Donald Trump, que permaneceu de 20 de janeiro de 2017 a 20 de janeiro de 2021.

Durante os seus dois mandatos, Barack Obama adotou uma política externa voltada para a estabilização da economia em crise e lançou as bases para o crescimento a longo prazo, por meio da estabilização do setor financeiro em crise, reformulação do sistema de Wall Street e apoio ao crescimento internacional por meio de parcerias e acordos como a Parceria Transpacífico.

Donald Trump assumiu o seu mandato em janeiro de 2017, sob o tema de “America First”, aplicando uma política externa de isolacionismo dos Estados Unidos da América, como por exemplo a saída do acordo da Parceria Transpacífico que havia iniciado no governo de seu antecessor Barack Obama.

Conforme citado acima sobre o marco temporal deste trabalho, verificamos por meio do gráfico 4, que o PIB americano passou por uma leve retração de 2008 para 2009, porém logo em seguida já conseguiu se recuperar, vindo a subir cerca de 1 trilhão ao ano até o ano de 2019, auxiliado por vezes da política externa adotada durante os dois mandatos do presidente Barack Obama.

Gráfico 4: Produto Interno Bruto dos Estados Unidos da América de 2008 a 2020.

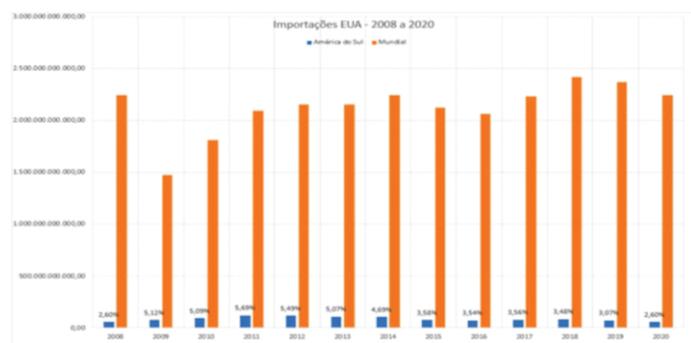


Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados do Banco Mundial, disponível em: <http://datatopics.worldbank.org/world-development-indicators/>

Os gráficos 05 e 06, são referentes aos valores das importações e exportações dos EUA para a América do Sul, com os valores comparativamente desses montantes para os valores executados para o resto do mundo, durante o período de 2008 a 2020.

Verifica-se que os EUA mantêm um volume alto no comércio exterior, nas suas exportações e importações e que os valores referentes ao ano de 2009 refletem a retração do PIB apresentada no gráfico 04, acima.

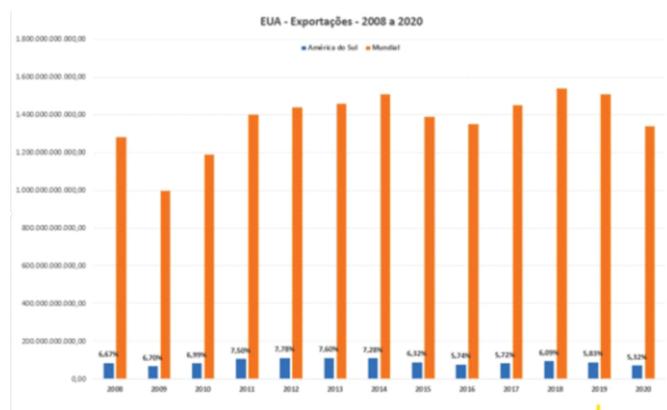
Gráfico 5: Importações dos Estados Unidos da América de 2008 a 2020



Fonte: elaborado pelos autores com base em dados do Observatory of Economic Complexity (OEC), disponível em <https://oec.world/en/home-a>

Analisando o gráfico 5, das importações dos EUA, observa-se que a partir do ano de 2011 o volume do comércio para a América do Sul inicia uma redução ao passo que ao compararmos com o volume executado com o resto do mundo sofre oscilações anualmente.

Gráfico 6: Exportações dos Estados Unidos da América de 2008 a 2020



Fonte: elaborado pelos autores com base em dados do Observatory of Economic Complexity (OEC), disponível em <https://oec.world/en/home-a>

Da análise do gráfico 6, das exportações dos EUA, de maneira análoga ao gráfico 5 (importações dos EUA), verifica-se que a partir do ano de 2012 o volume do comércio para a América do Sul também sofre um recuo do valor do comercial executado, tendo uma leve recuperação no ano de 2018, porém sem muita significância. Também de maneira semelhante ao gráfico 05, observa-se que o volume do comércio dos EUA executado com o resto do mundo sofre oscilações ao longo do período temporal verificado de acréscimo e decréscimos.

Conclui-se, parcialmente, que ao compararmos os valores do comércio executado dos EUA com a América do Sul e o resto do mundo, verifica-se que os volumes executados de comércio com a América do Sul acompanham, por vezes, as oscilações do comércio mundial executado, porém a América do Sul ainda se apresenta como um ator de relevância para os Estados Unidos apesar de verificarmos que o volume de comércio vem sofrendo uma retração com a maioria dos países, em virtude que os EUA são tradicionalmente fortes parceiros dos países da América do Sul, bem como da importância geopolítica da América do Sul na estratégia dos Estados Unidos, para manter a hegemonia global, está em larga medida e intrinsecamente vinculada à sua dimensão econômica e comercial.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A confecção de uma Grande Estratégia contempla todos os campos do poder nacional e deve ser projetada em largos horizontes temporais. Em um período de pouco mais de uma década, pode-se observar tendências, mesmo que leves, das ações definidas por esse planejamento estratégico.

Para que executem suas grandes estratégias, faz-se necessário um crescimento constante do PIB, gerando divisas para atuação nos diversos campos do poder nacional. O gráfico 7 traz o comparativo do PIB da RPC e dos EUA nos anos de 2008 a 2020:

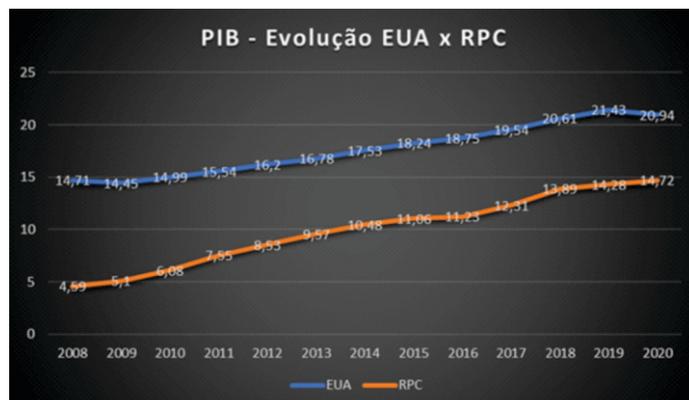


Gráfico 7: Produto Interno Bruto dos Estados Unidos da América de 2008 a 2020

Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados do Banco Mundial, disponível em fonte: <http://datatopics.worldbank.org/world-development-indicators/>

Verificou-se um maior crescimento chinês em detrimento ao crescimento dos EUA, em uma proporção onde a RPC deve tornar-se a maior economia do mundo em 2033, mantendo-se constantes as variáveis em vigor.

Ainda sobre a RPC, verificou-se um crescimento do seu PIB e constância percentual com leve tendência de alta para as importações e exportações envolvendo a América do Sul. Analisada como bloco, essa constância pode ser observada, entretanto, analisando pontualmente os países, observa-se que a RPC não teve entrada em alguns países como Uruguai, Paraguai, Colômbia, Equador, Guiana e Suriname os, porém é hoje o maior parceiro comercial em importações e exportações do Brasil, liderança regional e potência econômica em desenvolvimento, o que pode pender a balança de poder para o lado chinês na consecução de sua grande estratégia.

No caso dos EUA, apesar de sua tradicional aproximação com a América do Sul por sua proximidade continental, observou-se também uma constância em suas importações e exportações, porém com uma leve tendência de queda que pode sinalizar uma perda de influência na região ou mesmo um desengajamento em função de seu recente isolacionismo ou de priorização com outros locais julgados mais prioritários de ações na execução de sua grande estratégia. Além disso, os EUA deixaram de ser o principal parceiro econômico do Brasil, cedendo o lugar para a RPC.

Inicialmente, esse possível desengajamento econômico



dos EUA na América do Sul, não pode ser atribuído exclusivamente ao súbito movimento de novos governos ou mudanças de política em relação ao comércio, imigração e cooperação. Os Estados Unidos têm diminuído gradualmente em importância relativa como parceiro comercial, investidor e doador de assistência externa na América do Sul.

Por fim, observa-se que a América do Sul, em que pese seu potencial de recursos naturais e de mercado consumidor, apresenta-se como importante, porém ainda não é prioritária na consecução das grandes estratégias da RPC e dos EUA quando observado isoladamente o campo econômico do poder nacional em seu aspecto de circulação econômica nos quesitos importação e exportação.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **A importância geopolítica da América do Sul na estratégia dos Estados Unidos**. Revista da Escola Superior de Guerra, v. 24, n. 50, p. 7-35, 2008.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Glossário das Forças Armadas**: MD35-G-01. Brasília, DF: MD, 2015.

BUZAN, Barry; WAEVER, Ole; WILDE, Jaap. **Security: A new framework for analyses**. 1998. Disponível em: <http://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=j4BGr-Elsp8C&oi=fnd&pg=PP9&dq=buzan+security+classification&ots=bMnfoT5v_3&sig=LEeN bGtE-H9TG7oxuf9ieEZ5Kh8#v=onepage&q&f=false> Acesso em: 12 mar 2022.

CONTIPELLI, Ernani; PICCIAU, Simona. China's Global Order: **A New Paradigm in South-South Relations**. Croatian International Relations Review, v. 21, p. 89-108, 2015. Disponível em: <https://cirrj.org/wp-content/uploads/2015/08/CIRR_21_73_20151.pdf>. Acesso em: 12 mar 2022.

FERNANDES, José Pedro de Souza; TEIXEIRA, Castro. **A segurança da Europa Ocidental: uma arquitetura euroatlântica multidimensional**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002. 429p.

PIRES, Marcos Cordeiro; SANTILLAN, Gustavo Enrique.

Reflexões sobre a relação China e América Latina. Anuario de la Integración Regional de América Latina y el Gran Caribe; 10, 2014, p. 343-379. Disponível em: . Acesso em: 04 ago. 2018.

PORTER, Patrick. *Sharing Power? Prospects for a U.S. Concert-Balance Strategy*. Carlisle: U.S. War College Press, 2013.

SANTOS, Luís Cláudio Villafañe G. **A América do Sul no discurso diplomático brasileiro**. Revista Brasileira de Política Internacional, Nº 42, Volume 2. 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbpi/a/nkDMH3w8bQm5bv3hGLryY7J/?lang=pt>>. Acesso em 10 de abril de 2022.